

## O CORPO NEGRO NA POÉTICA DE LUBI PRATES

### THE BLACK BODY IN THE POETICS OF LUBI PRATES

DOI: 10.70860/ufnt.entreletras.e19383

Naiane Vieira dos Reis<sup>1</sup>

**Resumo:** Este trabalho analisa, em *Um corpo negro*, de Lubi Prates, sentidos da negritude no corpo negro encarnado na poética. Para tanto, seleciona, a partir da análise de alguns poemas dessa obra, a categoria de corpo, na perspectiva tensiva da semiótica discursiva, a fim de investigar como a identidade negra é constituída na carne e no corpo poetizado por Prates. Além disso, mobiliza contribuições interdisciplinares sobre a negritude e os apontamentos da teoria literária em torno da literatura afro-brasileira, observando como a autoria negra e feminina circunscreve no universo literário novos significados e potencialidades étnico-ético-estético sobre o sujeito negro na ficção.

**Palavras-chave:** literatura afro-brasileira; Lubi Prates; corpo; resistência; semiótica discursiva.

**Abstract:** This paper analyzes the meanings of blackness in the black body embodied in the poetics of Lubi Prates' *Um corpo negro*. In order to do so, it selects, from the analysis of some poems from this book, the category of body, from the tensive perspective of discursive semiotics, in order to investigate how black identity is constituted in the flesh and body poetized by Prates. In addition, it mobilizes interdisciplinary contributions on blackness and literary theory around Afro-Brazilian literature, observing how black and female authorship circumscribes in the literary universe new meanings and ethnic-ethical-aesthetic potentialities about the black subject in fiction.

**Keywords:** Afro-Brazilian literature; Lubi Prates; body; resistance; discursive semiotics.

#### Introdução

quem tem medo da palavra  
NEGRO  
se quando eu digo  
faz silêncio?

quem tem medo da palavra  
NEGRO  
que eu não digo?

*Um corpo negro*, de Lubi Prates (2023, p. 63-64)

---

<sup>1</sup> Doutora e mestra em Letras: Ensino de Língua e Literatura pela Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). Professora do Instituto Federal do Ceará (IFCE), campus de Crateús. Membro do GESTO – Grupo de Estudos do Sentido. E-mail: naianeveira@uft.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1117-3655>.

A partir das quarta e quinta estrofes evocadas na epígrafe deste trabalho, dentre as sete que compõem o poema de Prates e são organizadas em perguntas (quem tem medo da palavra/ NEGRO...), com exceção da sexta estrofe, essa produção literária da poeta paulista inquire sobre o significante Negro contornado pelos significados circunscritos pelo Outro, o não negro, ou melhor, o branco, o que limita o sentido de negritude. Teria esse Outro medo da palavra NEGRO quando esta está “bem comportada”, ou, nas palavras de Conceição Evaristo, não nina os sonhos tranquilos da Casa Grande<sup>2</sup>, que se supõe dominadora dos significados da negritude? O poema de Lubi Prates (2023), em epígrafe, dialoga, nesse sentido, diretamente com esse signo, que está aprisionado no campo semântico sob domínio da branquitude: são os dicionários, livros de História, página policial, registros que transformam o Negro em Outro, subsumido à pouca complexidade e estereotipia racial ancorada no racismo nacional.

Diante desse cenário, o poema finaliza a última estrofe: “quando não faz pessoa:/ carne, osso e fúria?”. O negro verbalizado pelo mundo branco, conforme delineia o poema citado, não provocaria medo, tendo em vista ser um sujeito subalternizado e caricaturizado, cujas definições rebaixam-no à sub-humanidade, à não pessoa, destituído de complexidade. Se há violência, é o apagamento produzido pelos silenciamentos e pela inferiorização a partir da palavra que torna esse signo tão apartado de sentidos humanizantes e tão impotente para qualquer despertar receptivo daquele que o ouve. Em diálogo, relembramos a ausência desse medo nas leituras ou escutas de jornais que retratam cotidianamente, mas sem dar contornos de denúncias, o genocídio da população negra, as violências racistas, a desumanização de homens, mulheres, crianças negras. Historicamente, também situamos um passado de quase quatro séculos de escravismo colonial no Brasil, o qual, quando lembrado, não raro é discursivizado como mostra da inferioridade do povo negro, e não da perversidade da branquitude nacional. Não há medo, nesses casos, da palavra Negro, inofensiva, enclausurada, vítima, subalternizada.

Para este trabalho, privilegamos a análise da obra *Um corpo negro*, da escritora Lubi Prates (2023), mobilizando a categoria de corpo sensível da semiótica tensiva, com ênfase nos apontamentos teóricos de Jacques Fontanille (2016), em diálogo com as considerações da teoria literária sobre a literatura afro-brasileira. Além disso, a fim de apresentar uma abordagem complexa sobre a temática da negritude, fundamental neste artigo, mobilizamos as

---

<sup>2</sup> Consolidado pela obra de Gilberto Freyre, intitulada *Casa Grande & Senzala*, esse termo designa o poder colonizador, escravocrata e branco, que dominava as dinâmicas políticas e econômicas. Atualmente, serve como referência para a elite econômica e política, que continua quase invariavelmente branca e exploradora de negros, indígenas etc.

contribuições das pesquisas sobre raça, com ênfase nos apontamentos da psicanálise, da sociologia, antropologia, entre outras áreas.

## **1 A literatura e a escrita de mulheres negras**

No olhar sobre a literatura, selecionamos a categoria afro-brasileira como um recorte de análise no campo da teoria literária a fim de dar contornos a uma produção literária que se inscreve também no campo social e racial, em parte inscrita como um movimento articulado para complexificar a produção literária no Brasil. Para além da literatura, conforme abordaremos mais adiante, o movimento negro organizou-se a fim de garantir a participação e o reconhecimento como cidadãos na sociedade nacional, dentre os quais a literatura ganha destaque como instrumento para esse processo (Domingues, 2007). Isso se confirma também pelo viés da educação, já que o uso das mídias e da escrita foi estratégia importante na sociedade negra brasileira no período da abolição, quando se fomentava a busca pela escolarização, conscientização política e participação democrática a partir do investimento na instrução formal e na autoria escrita no cenário de então (Gonçalves; Silva, 2000). Conforme os autores, o movimento negro no final do século XIX e início do século XX já vislumbrava o fortalecimento da identidade negra e a circulação de vozes autorais dos negros sobre si, de forma a fazer circular imagens positivas de sua etnicidade, positivando a negritude, em contraposição à negação da sua humanidade que se constituía com a imposição do ser branco como norma (Gonçalves; Silva, 2000).

Se o racismo atravessa e em grande parte delinea a experiência subjetiva dos negros no Brasil, a tensão racial certamente vai ganhar destaque em algumas produções literárias de autoria negra. Para tanto, considera-se, de acordo com Fanon (2018), que o racismo ganha forma cultural, mistificando a presença de sujeitos a partir da categoria raça ou etnia em determinados espaços sociais, a partir de alguns contornos identitários. Segundo o teórico, o sujeito negro vai ter, nesse processo, uma profunda negação do sentido complexo e paradoxal definidor de humanidade, restando-lhe, para tanto, a posição do exótico:

O exotismo é uma das formas desta simplificação. Partindo daí, nenhuma confrontação cultural pode existir. Por um lado, há uma cultura à qual se reconhecem qualidades de dinamismo, de desenvolvimento, de profundidade. Uma cultura em movimento, em perpétua renovação. Frente a esta, encontram-se características, curiosidades, coisas, nunca uma estrutura.

Assim, numa primeira fase, o ocupante instala a sua dominação, afirma maciçamente a sua superioridade. O grupo social, subjugado militar e economicamente, é desumanizado segundo um método polidimensional. [...]

Este homem objeto, sem meios de existir, sem razão de ser, é destruído no mais profundo da sua existência (Fanon, 2018, p. 81).

A partir do debate sobre o sujeito autóctone no processo colonial, Fanon apresenta-nos a reflexão sobre esse processo desumanizador que toma o racismo como principal instrumento de dominação, cuja simplificação e estereotipação dessas identidades e pertencas étnicas se constituem em função da elevação ou falsa superioridade racial, que erige a profunda exploração e desigualdade social e econômica. Em diálogo com o filósofo martinicano, Sodré (2023) discute a forma social escravista no Brasil, que se configura pela permanência de um sistema sócio-político de subalternização de um grupo definido a partir da sua identidade étnica, cujo resultado mais notável é a exploração econômica, com as benesses garantidas para a branquitude. Nesse sentido, o teórico destaca, no entanto, que a raça é uma virtualidade que materializa identidades e conjunturas políticas:

Uma sociedade escravista precisa acreditar na naturalidade da exploração física e gratuita do trabalho exercido sobre o corpo alheio e para isso constrói as representações que estabilizem essa crença, por mera força explícita de conceitos. Raça é, na verdade, uma representação baseada em falsos conceitos, que podem derivar tanto de critérios biológicos como políticos. Se não há uma caracterização evidente - se a referência não é a pigmentação -, simplesmente inventa-se a raça e, por consequência, as fronteiras raciais destinadas à neutralização político-social do grupo humano visado (Sodré, 2023, p. 109).

No cenário colonial da construção de raça, conforme os autores mobilizados, recorreremos às palavras de Munanga (2020, p. 31) para discorrer sobre esse imaginário redutor e simplório sobre os/as sujeitos/as negros/os, “remodelado em uma série de negações que, somadas, constituem um retrato-acusação, uma imagem mítica”. É partir desse consenso sobre o cerceamento da humanidade do sujeito situado na posição de Outro no cenário da racialização, neste caso numa sociedade que mantém uma forma social escravista pós-abolição, que debatemos o texto literário pela perspectiva da afro-brasilidade, tendo em vista que a “sociedade racista agrupa seres humanos sob a categoria de uma raça com o intuito de limitar suas opções sociais e em seguida negar a eles a atribuição de serem realmente humanos” (Gordon, 2023, p. 96).

Fazemos esse movimento de debate sobre raça para considerar que, no caso do Brasil, se trata de um produto do colonialismo, subalternizando e explorando negros/afrodescendentes e indígenas, ao mesmo tempo elevando a identidade branca ao status de referência e humanidade. Nesse sentido, a branquitude confirmou-se como a busca ativa de sujeitos e sociedade branca por privilégios econômicos e sociais, alcançados em razão da sua falsificada superioridade

racial (Bento, 2022). Diante, portanto, do cenário sócio-político dessas identidades raciais, voltamos a nossa discussão para os gestos do movimento negro para recuperar, reiterar e fortalecer valores eufóricos do povo negro no Brasil.

Focando na literatura afro-brasileira, compreendemos, a partir dos apontamentos de Eduardo Duarte (2010, 2011) sobre aspectos definidores desse recorte estético-literário, que tais textos literários podem ser analisados a partir da autoria, ponto de vista, temática, linguagem e público leitor. Segundo o autor, esses elementos servem para definir a identidade dessa literatura, que confirma uma produção estética em diálogo com engajamento político, histórico, social, entre outros fatores. A literatura afro-brasileira ou de autoria negra é entendida, então, como aquela produzida por escritores e escritoras negras que tratam, de algum modo, de experiências, histórias e subjetividades do povo negro brasileiro, mobilizando, para tanto, uma estética e/ou elementos linguísticos próprios, visando formar ética e esteticamente os leitores. Discutimos como essa abordagem da literatura brasileira, que se define a partir do fator raça/etnia, mostra-se rentável para um olhar qualificado sobre as produções artístico-literárias desses escritores e escritoras (Reis, 2024), sobretudo no contexto de mediação da leitura no espaço escolar.

Mais precisamente, neste trabalho focalizamos a escrita poética de uma autora negra brasileira, tendo-se em vista a potência da construção estética a partir desses recortes intercambiados. Do ponto de vista político-estético, recorreremos à convocação de Gloria Anzaldúa (2000), que em sua carta mostra o “falar em línguas” das intelectuais negras relacionado à não escuta, ao olhar aprisionado e redutor da perspectiva branca dominante sobre o que a autora estadunidense chama de “mulheres de cor”. Na mesma direção, as reflexões de Conceição Evaristo a respeito do silenciamento sobre a mulher negra na literatura brasileira mostram o aprisionamento de imagens que, ao mesmo, são violentas e simplórias, porque coloca esse grupo para além do escopo civilizacional de ser humano e ser mulher. Nesse sentido, a escritora aponta:

A ficção ainda se ancora nas imagens de um passado escravo, em que a mulher negra era considerada só como um corpo que cumpria as funções de força de trabalho, de um corpo-procriação de novos corpos para serem escravizados e/ou de um corpo-objeto de prazer do macho senhor.

Percebe-se que a personagem feminina negra não aparece como musa, heroína romântica ou mãe. Mata-se no discurso literário a prole da mulher negra, não lhe conferindo nenhum papel no qual ela se afirme como centro de uma descendência. À personagem negra feminina é negada a imagem de mulher-mãe, perfil que aparece tantas vezes desenhado para as mulheres brancas em geral. E quando se tem uma representação em que ela aparece como figura materna, está presa ao imaginário da

mãe-preta, aquela que cuida dos filhos dos brancos em detrimento dos seus (Evaristo, 2009, p. 23-24).

Fixada na posição de coadjuvante nessas textualidades literárias a que Evaristo faz referência, à personagem negra não é reservada uma identidade própria, uma narrativa singular para além da configuração e subjetividade da sociedade branca. Tal posicionamento é marca recorrente dentre as intelectuais negras brasileiras, que, a exemplo de Beatriz Nascimento (2015, p. 108-112), reflete sobre a marginalização dessas personagens na literatura nacional, a qual reitera imagens-modelo da mulher negra e do povo negro em geral.

Outra face dessa inscrição literária revela-se e é construída na literatura afro-brasileira, com destaque aqui para a escrita de autoras negras, conforme Evaristo (2009, p. 18), que elaboram uma estética a partir da experiência singular, tendo em vista a expressão subjetiva pela literatura: “Em síntese, quando escrevo, quando invento, quando crio a minha ficção, não me desvinculo de um ‘corpo-mulher-negra em vivência’ e que por ser esse ‘o meu corpo, e não outro’, vivi e vivo experiências que um corpo não negro, não mulher, jamais experimenta”. Nesse sentido, alinhada a essa visão, compreendemos que a contribuição intelectual e literária das autoras negras demanda uma leitura de raça, classe e gênero, tendo-se em perspectiva os sentidos que escapam àqueles já pré-definidos pela visão dominante, o que faz emergir novas imagens, significados, narrativas, subjetividades, estéticas, entre outros elementos.

Diante disso, a literatura produzida por autoras negras vai se inscrever também nesse processo de resistência às imagens de controle (Collins, 2019), como exercício estético que é também político, porque reimagina e desafia os estereótipos até hoje fortemente presentes sobre as mulheres negras. As escritoras negras, portanto, confrontam a desumanização a que são reduzidas pela força da escrita, como também pela própria dinâmica da produção literária (Souza, 2021), já que historicamente foram menos visadas pela crítica literária e pela recepção do público, observando os fatores que já discutimos anteriormente. Na análise da escrita de Conceição Evaristo, Rosemere Silva (2017) destaca como o recorte de raça e gênero na literatura brasileira tem implicações de análise que demandam esse olhar interseccionado:

Entre o literário e o existencial, as escritoras negras tomam o pertencimento étnico-racial como incursão, em um tipo de literatura que traz abordagens sobre o problema da existência humana do sujeito negro incomuns no cenário da literatura nacional brasileira.

[...] a produção textual feminina negra [...] busca incessantemente emancipar o sujeito com o exercício da palavra. Trata-se de uma literatura produzida para tratar de sentimentos, embora não apenas sob perspectiva sentimentalista, no sentido de expurgar as mazelas que intoxicam o humano, mas, sobretudo, filosófica, ao exigir que os problemas da humanidade sejam pensados e, política, ao colocar o humano em

diálogo com as inúmeras situações que repetidas vezes oprimem a sua não experiência de liberdade (Silva, 2017, p. 9).

É ciente desse modo de inscrição da literatura criada por autoras negras, ou pelo menos como modo de leitura e análise de seus textos literários, que selecionamos para debate a produção literária de Lubi Prates (2023). A partir de seu poema “condição: imigrante”, que conhecemos por esses movimentos de leitura avulsa, que vai de página em página, de site em site, com o foco nas autorias literárias negras, a poesia de Prates invade o campo de visão com a pregnância que suas estrofes e versos livres foram capazes de captar nosso olhar e experiência estética. A partir de então, passados mais de quatro anos, a leitura da produção literária dessa escritora, editora e tradutora paulistana tornou-se nosso movimento diário de contato com o estético. Conforme mostra seu verbete na página Literafro<sup>3</sup>, Lubi Prates tem várias publicações não apenas no Brasil, mas em outros países da América e Europa. A obra aqui analisada (*Um corpo negro*) também foi finalista de prêmios nacionais (61º Prêmio Jabuti e do 4º Prêmio Rio de Literatura).

## 2 O corpo e o negro na poesia

[...]  
*meu corpo é  
meu território:*

*um caminho  
sempre  
insuficiente*

*construído  
a partir de  
escombros*

*moldado por  
vivências*

*tantas vezes invadido.*

[...]  
Lubi Prates (2023, p. 78)

Com 21 poemas, a coletânea de Lubi Prates (2023), *Um corpo negro*, apresenta em seu conjunto textos que tensionam o debate da identidade negra, da mulher e da violência racista e colonial. Além dos textos originais em português, o livro também é composto por algumas traduções (alemão, espanhol, italiano, inglês, entre outras línguas) do poema “condição: imigrante”, que ganham destaque por estarem nas páginas centrais do livro e com um fundo

<sup>3</sup> C.f.: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autoras/1272-lubi-prates>. Acesso em: 5 out. 2024.

cinza, diferentemente das páginas com fundo branco dos poemas em português, e daquelas pretas, com elementos pré e pós-textuais.

É o corpo a instância de configuração identitária, temática preponderante nos poemas, já que encarna a negritude alvo da discriminação e da violência. Evocamos, assim, o poema “meu corpo é meu lugar de fala”, cujas estrofes em epígrafe nesta seção tratam das interdições (caminho insuficiente, escombros, território invadido) que esse corpo sofre a partir da ação de outrem. Mesmo assim, o corpo negro, o corpo da mulher negra, o corpo do eu lírico é lugar de fala porque, diante das intervenções, ainda constitui lócus da experiência e da produção de significados e sensibilidades.

O corpo é semiotizado nesta análise a partir das contribuições teóricas de Fontanille (2016), que busca aprofundar e delimitar categorias analíticas para aquilo que Greimas (2002) chamou de sujeito sensível da apreensão estética inscrito no discurso. Considerando que a semiótica é uma teoria da significação, suas abordagens, desde a standard até os desdobramentos em sociossemiótica, tensiva etc., voltam o olhar para os objetos semióticos e o sentido, seja no plano da expressão, seja no plano do conteúdo. Aqui, focalizaremos precisamente a discussão sobre corpo, desenvolvida pelo teórico francês, a fim de analisar a identidade negra na produção poética privilegiada.

Para Fontanille (2016), o corpo é a instância de mediação do sentido, a partir do qual o sujeito se inscreve no mundo, o sente, o percebe e, conseqüentemente, se define e modela. Tendo-se o sentido definido da relação do eu com o outro, este sendo objeto ou sujeito, esse corpo que apreende e organiza a significação sente e sofre constante e incessantemente modificações, das mais profundas às mais sutis, o que resulta em uma espécie de moldura, o corpo próprio, também entendida como identidade. Para tanto, considera-se o ponto de inércia, já que esse corpo que é identidade, ao mesmo tempo que se modifica, mantém-se em uma direção, pois não pode estar suscetível a toda intempérie, ou define-se diante da impossibilidade do sentido. O semioticista, nessa categorização, destaca que a inércia se define por dois pontos:

(1) um é o *ponto de remanência*, que exprime a resistência do sistema à alteração das forças, à passagem de uma força à força inversa, ou, simplesmente, à aparição ou o desaparecimento de uma força; (2) o outro é o *ponto de saturação*, que exprime a capacidade de resistência do sistema de aplicação de cada uma das forças, e particularmente a suas variações de intensidade (Fontanille, 2016, p. 28 [grifos do autor]).

Diante da remanência, que se traduz como a manutenção da identidade mesmo que submetida a forças contrárias que poderiam alterá-la, e da saturação, configurada como essa

identidade formulada/formada que é capaz de ser submetida a tensões, a inércia é ponto-chave da identidade que aqui discutimos, pois “é o mínimo necessário para poder pensar distintamente o corpo e as forças que se exercem sobre ele e nele; na ausência desses pontos de inércia, o corpo se confunde com as forças que o animam” (Fontanille, 2016, p. 28). Sem a remanência e a saturação, o corpo não se constitui, ou seja, a identidade não se desenha, já que oscila demasiadamente, é errante.

Embora a discussão de Fontanille seja muito mais complexa e rentável, evocamos apenas essa categorização porque vai ao encontro da discussão e análise aqui proposta. O corpo negro, como inércia, o qual apresenta uma direção, uma identidade que, a despeito da opressão colonial racista, é passível de ser vislumbrada, constitui-se como profundamente tensionado na remanência. Assim, apesar de invadido, invalidado, violentado, esse corpo negro é território, é lugar de fala, na poesia de Prates.

Para tratar dessa literatura afro-brasileira, em especial aquela que enfoca com destaque a opressão racista e a violência colonial do Estado, é importante destacar que a identidade negra se configura na tensão, sob a violência, mas que mantém uma direção, apesar das forças contrárias. Reiterando Silva (2017) e Souza (2021), a escritura das autoras negras são de resistência porque colocam em cena esse corpo negro, essa identidade negra que não sucumbe, que existe e resiste, apesar de toda a negação, alegada pelo fator racial e de gênero.

No poema “arrancaram meus olhos”, temos novamente esse sujeito poético observado a partir dos dois pontos de inércia pela perspectiva da semiótica tensiva:

arrancaram meus olhos  
e cada pelo do meu corpo,  
cortaram minha língua.  
arrancaram unha a unha,  
dos pés e das mãos.  
cortaram meus seios e o clitóris,  
cortaram minhas orelhas,  
quebraram meu nariz.  
encheram minha boca e os outros vácuos  
de monstros:  
eles devoraram tudo.  
só restou o oco.  
então, eles comeram este resto,  
limparam os beijos.

depois, vomitaram. (Prates, 2023, p. 71)

Nas duas estrofes, compostas por 15 versos, sendo a segunda com um verso apenas, o poema já situa o eu lírico na relação com um outro (eles), em terceira pessoa do plural, conforme

observamos pela conjugação verbal e pela inscrição do pronome, que avança sobre o corpo. Tanto no poema quanto pela perspectiva semiótica, o corpo não configura uma instância material, carnal, meramente, mas traduz os signos da identidade do sujeito.

O outro, um *eles* evocado pelo eu lírico, age sobre o sujeito no sentido de aniquilá-lo, de tomar para si suas propriedades, reduzindo-o ao oco, ao resto, como uma força inversa que incide sobre esse corpo em seu ponto de saturação. Ao agir, porque arranca, corta, quebra, enche, devora, come e limpa os beijos, esse outro avança precisamente sobre a saturação, porque os elementos alvo da força (olhos, pelo do corpo, língua, unha, seios, clitóris, orelhas...) são traços que constituem a positividade produtora da identidade negra como potência. Ou seja, o poema seleciona movimentos estéticos que traduzem o gesto colonial de subsumir a humanidade e a identidade do sujeito subalternizado ao seu sistema de valores, o que produziria a negação como sujeito para si.

É a última estrofe, no entanto, em seu único verso, que transborda essa resistência, pela remanência, e a direção, pela saturação. Considerando que “depois, vomitaram”, o eu lírico apresenta o outro no gesto de expurgo após avançar contrariamente a esse corpo-identidade. Se o vômito é o gesto de retornar pelo mesmo trato gástrico um alimento que anteriormente se ingeriu, o vomitar poetizado figurativiza a remanência da identidade negra que, diante da forma social escravista brasileira, diante da opressão racista e do sistema colonial de exploração dos sujeitos racializados neste território, não se transforma em outro, ou não é passível de ser consumido como inteireza daquele que o ingere, que insinua desejo pelas suas propriedades positivas como recurso de força e fortalecimento para o sujeito branco. Assim, essa identidade mantém seu ponto de saturação, isto é, garante-se como específica, mesmo cerceada por movimentos que intentam aniquilá-la, alimentar-se e tirar dela todas as propriedades em favor de um outro, que pode ser entendido como a branquitude.

Conforme abordamos desde a introdução, os poemas de *Um corpo negro* reiteram o corpo-identidade como existência e resistência, como instância de negociação e intermediação de sentidos no mundo e com outros sujeitos. Recepcionado como uma obra poética de resistência, com destaque para seu valor estético, o livro de Prates inscreve-se na seara da produção literária de autoria negra feminina que situa uma perspectiva a partir de dentro, da subjetividade e ponto de vista do plural povo negro brasileiro, que cria, elabora, contrasta, contesta narrativas ficcionais ou não enclausuradoras de sentidos e humanidade para os sujeitos racializados.

### Considerações finais

Em suas escritas ensaísticas, as escritoras negras estadunidenses Saidiya Hartman (2020) e Toni Morrison (2019) abordam a dificuldade do exercício da escrita diante das imagens enclausuradas e desumanizadoras das pessoas negras nos registros escritos. Morrison (2019) trata mesmo do expurgo do peso nas consciências da branquitude do seu país por meio da escrita literária, que não se fartou de registrar personagens negras animalizadas e personagens brancas cheias de contornos e complexidades, mesmo em cenários ficcionais que selecionavam o contexto do escravismo em seu país.

Voltando o olhar para a literatura nacional, enfatizamos o trabalho Edith Piza (1998), que destaca o processo de estereotipação das personagens negras na literatura infantil e juvenil produzida por escritoras brancas. Segundo a pesquisadora, começam a aparecer nessa literatura, em meados do século passado, a estranha sexualização das personagens negras, anteriormente referenciada apenas pelas tintas da empregada doméstica gorda, paciente e servil. Se a literatura infantil e juvenil tem também uma função educativa, a autora destaca que as escritoras brancas negociavam o poder com o sistema vigente ao subalternizar, na sua literatura, as mulheres negras, destituídas de humanização na ficção (Piza, 1998). Ou seja, apenas o recorte de gênero não é suficiente para produzir e fazer circular uma produção estética mais plural e complexa, que vá além da mera representação racista da população negra na literatura. Tendo em vista seu caráter formador, é improvável que apenas esse tipo de representação e construção literária contribua para a formação leitora na literatura afro-brasileira estética-ética-etnicamente engajada, plural, complexa.

A poesia de Lubi Prates, conforme discutimos, pode ser o “encontro feliz” de que fala Greimas (2002), no sentido de proporcionar aos seus leitores e leitoras um arranjo estético-literário que desacomoda sentidos apassivados na visão racista de desumanização do sujeito negro. Ainda na perspectiva de um corpo, então no campo da recepção, e não mais apenas discursivizado, como se deu na categoria de análise mobilizada, Paul Zumthor (2014, p. 38) fala da afetação do leitor, elemento fundamental ao se caracterizar a literatura afro-brasileira, referindo-se especificamente à sua corporeidade: “O corpo dispõe-se a perceber a leitura e a ela reagir”. A análise aqui proposta, como um gesto de significação para a poesia no campo da literatura afro-brasileira, também se pretende colaborar na formação de um campo recepcional desses textos que seja afetável, disponível a engajar-se, a comover-se, a encorpar-se pela textualidade poética em jogo, atravessando a visão, a audição, a pele mesmo, num reagir completo, inteiro, ao estético.

Prates inscreve-se, nas palavras de Silva (2017), na “total insubordinação” no seu ato de produção literária, tendo em vista

a urgência de uma escrita literária, cujo comprometimento deva ser de endossar uma política cotidiana, em que a humanidade de africanos e seus descendentes, distorcida pela história, encontre o fio da reconstrução das narrativas orais aqui deixadas e, até hoje, não sabidas, embora singulares à existência de nossas memórias (Silva, 2017, p. 16).

Resistência e memória, confronto e contestação, sensualidade e movências, poesia, eis o conjunto de elementos que podem se destacar na leitura de *Um corpo negro*. Além disso, a literatura de autoria negra, a escrita poética de Lubi Prates confirma-se como uma produção estética que oportuniza aos seus leitores possibilidades outras de significação desse corpo sensível, desse corpo negro, tão humano, tão complexo, tão singular.

## Referências

- ANZALDÚA, Glória. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do Terceiro Mundo. Trad. Édina de Marco. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 229-236, 2000. DOI: <https://doi.org/10.1590/%25x>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880>. Acesso em: 07 out. 2024.
- BENTO, Cida. *O pacto da branquitude*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento Feminista Negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. Tradução Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019.
- DOMINGUES, Petrônio. Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos. *Tempo*, Niterói, v. 12, p. 100-122, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-77042007000200007> Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tem/a/yCLBRQ5s6VTN6ngRXQy4Hqn/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 05 out. 2024.
- DUARTE, Eduardo. Por um Conceito de literatura afro-brasileira. *Terceira Margem*, Rio de Janeiro, n. 23, p. 113-138, 2010. DOI: <https://doi.org/10.55702/3m.v14i23.10953>. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/tm/article/view/10953>. Acesso em: 24 dez. 2024.
- DUARTE, Eduardo. *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 17 dez. 2009. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4365>. Acesso em: 24 dez. 2024.
- FANON, Frantz. Racismo e Cultura. *Revista Convergência Crítica*, Niterói, n. 13, p. 78-90, 2018. DOI: <https://doi.org/10.22409/rcc.v1i13.38512>. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/convergenciacritica/article/view/38512>. Acesso em: 05 out. 2024.
- FONTANILLE, Jacques. *Corpo e sentido*. Trad.: Fernanda Massi e Adail Sobral. Londrina: Eduel, 2016.

- GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. Movimento negro e educação. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 15, p. 134-158, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/8rz8S3Dxm9ZLBghPZGKtPjv/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 07 out. 2024.
- GORDON, Lewis R. *Medo da consciência negra*. Trad.: José Geraldo Couto. São Paulo: Todavia, 2023.
- GREIMAS, Algirdas Julien. *Da imperfeição*. Trad. Ana Claudia de Oliveira. São Paulo: Hacker Editores, 2002.
- HARTMAN, Saidyia. Vênus em Dois Atos. Tradução de Fernanda Silva e Sousa e Marcelo R. S. Ribeiro. *Revista ECO-Pós*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 3, p. 12-33, 2020. DOI: <https://doi.org/10.29146/eco-pos.v23i3.27640>. Disponível em: [https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco\\_pos/article/view/27640](https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27640). Acesso em: 07 out. 2024.
- MORRISON, Toni. *A origem dos outros: seis ensaios sobre racismo e literatura*. Trad. Fernanda Abreu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- MUNANGA, Kabengele. *Negritude: usos e sentidos*. 4ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- NASCIMENTO, Beatriz. Literatura e identidade. In: RATTTS, Alex; GOMES, Bethania (Orgs.). *Todas (as) distâncias: poemas, aforismos e ensaios de Beatriz Nascimento*. Salvador: Editora Ogum's Toques Negros, 2015, p. 108-112.
- PRATES, Lubi. *Um corpo negro*. 5ª ed. São Paulo: Nossa Editora, 2023.
- PIZA, Edith. *O caminho das águas*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.
- REIS, Naiane Vieira dos. Sobreviver à prosa: análise semiótica do corpo na autoria feminina negra da literatura afro-brasileira - questões de ensino. In: SILVA, Luiza Helena Oliveira da; MIQUELETTI, Eliane Aparecida. (Org.). *Semiótica e Ensino: diálogos teóricos e práticos para/com a escola* [livro eletrônico]. São Paulo / Araguaína: Editora Dialética; EDUFNT, 2024, p. 185-208.
- SILVA, Rosemere Ferreira da. Entre o Literário e o Existencial, a 'Escrevivência' de Conceição Evaristo na Criação de um Protagonismo Feminino Negro no Romance Ponciá Vicêncio. *EntreLetras*, Araguaína, v. 8, p. 1-17, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufnt.edu.br/index.php/entreletras/article/view/3674>. Acesso em: 07 out. 2024.
- SODRÉ, Muniz. *O fascismo da cor: uma radiografia do racismo nacional*. Petrópolis: Editora Vozes, 2023.
- SOUZA, Florentina. Solano Trindade e a produção literária afro-brasileira. *Afro-Ásia*, n. 31, p. 277-293, 2000. DOI: <https://doi.org/10.9771/aa.v0i31.21077>. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/21077>. Acesso em: 07 out. 2024.
- ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção, leitura*. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

Recebido em 06 de outubro de 2024

Aceito em 26 de novembro de 2024